



CEMITÉRIO MONUMENTAL DE SANTO ANTÔNIO: UM MUSEU A CÉU ABERTO E O ABANDONO DO PODER PÚBLICO

MONUMENTAL CEMETERY OF SANTO ANTONIO: A MUSEUM TO AN OPEN SKY AND THE ABANDONMENT OF PUBLIC AUTHORITIES

Isis Santana Rodrigues¹

RESUMO

Na presente pesquisa, apresentamos parte dos estudos até agora desenvolvidos no primeiro pavimento do cemitério. A metodologia segue a proposição do IPHAN para o inventário de bens materiais no Brasil, implicando num trabalho de campo para identificar e localizar as obras. O registro fotográfico e o inventário dos túmulos, são de extrema importância para identificar o estado de preservação e conservação das esculturas monumentais, assim como a descrição com os símbolos e significados de cada uma. Através desses relatórios fotográficos e pesquisas de fontes, estamos fazendo o resgate desta produção artística de forma a garantir a preservação da sua história, não permitindo que estes monumentos fiquem meramente esquecidos no tempo, mas sim contribuindo para o resgate da arte fúnebre e preservação da memória das obras do maior cemitério de esculturas fúnebres de Vitória.

PALAVRAS-CHAVE

Monumentais; Memória; Preservação.

ABSTRACT

In the present research, we present part of the studies carried out so far on the first floor of the cemetery. The methodology follows IPHAN's proposal for inventory of material assets in Brazil, implying a field of work to identify and locate the works. The photographic record and the inventory of the graves are extremely important to identify the state of preservation and conservation of the monumental sculptures, as well as the description with the symbols and meanings of each one. Through these photographic reports and source research, we are rescuing this artistic production to ensure the preservation of its history, not allowing these monuments to be merely forgotten in time but contributing to the rescue of funeral art and preservation of memory of the works of the largest cemetery of funeral sculptures of Vitória.

KEYWORDS

Monumental; Preservation; Memory.

¹ Isis Santana Rodrigues é formada no curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal do Espírito Santo. Estudante de pós-graduação na Faculdade de Vitória com tema sobre Artes na educação e estudante de Mestrado em Artes na Universidade Federal do Espírito Santo, com a pesquisa voltada para Arte Cemiterial. Projeto orientado pelo professor Dr. Aparecido José Cirillo. Contato: isis.rod91@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

O presente artigo é pertinente ao projeto de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), orientado e supervisionado pelo Prof. Dr. Aparecido José Cirillo, com apoio da Capes e da Fapes. Este trabalho baseou-se na pesquisa de iniciação científica realizada no LEENA - Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes junto ao professor e orientador Dr. Aparecido José Cirilo. Tal projeto foi iniciado em agosto de 2017 e tratava inicialmente da busca por obras do artista Carlo Crepaz no Cemitério de Santo Antônio em Vitória Espírito Santo. No decorrer da pesquisa percebeu-se a riqueza de obras artísticas no cemitério e, ao mesmo tempo, verificou-se que é praticamente inexistente bibliografia sobre o local. Constatou-se também que, devido à falta de preservação das esculturas e aos inúmeros roubos e depredações, existe a necessidade de registrar e analisar essas obras como também a história da arte cemiterial no Brasil, no estado do Espírito Santo e no Cemitério de Santo Antônio por meio de inventário fotográfico, entrevistas e registro de cada obra em fichas no padrão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

No cemitério analisado, muito foi perdido, sem sequer sabermos quantas e quais obras funerárias pertenciam a esse acervo, uma vez que a tarefa parece impossível, pois inúmeros monumentos foram subtraídos ou modificados antes mesmo de que se pudesse pensar em qualquer iniciativa no sentido de registrá-los. A administração do Cemitério tem tentado preservar alguns monumentos em bronze. Até grades de mausoléus têm sido guardadas em um depósito, já que esse material é o preferido dos ladrões. Apesar das tentativas de salvar o patrimônio público, isso não é o ideal, pois ocorre uma descaracterização do túmulo e privam-se os visitantes e até mesmo os familiares do ali sepultado da beleza e da tônica envolta da construção do monumento, já que as obras fúnebres podem ser reveladoras da vida social, cultural e política da cidade.

O cemitério é um lugar privilegiado para se entender uma cultura. Através da arquitetura, escultura e artes decorativas cristalizam-se elementos simbólicos que, quando interpretados, permitem uma compreensão da sociedade na qual estão inseridos (ALMEIDA, 2015, pag.2).



Segundo explica Charão (2009, p.2), as representações da morte nos cemitérios “[...] são de ordem social, e as classes dominantes impõem suas concepções imagéticas da morte e criam uma pompa fúnebre onde são ressaltados seus valores através da glorificação de personagens e atividades específicas dessas classes”.

Ao longo do tempo, as sociedades humanas estão em constante transformação e os cemitérios constituem-se vestígios a céu aberto que propiciam aos historiadores interpretações históricas dessas sociedades. São fontes escritas e não escritas para a reconstrução do passado, pois viabilizam a compreensão das relações sociais que se desenvolvem continuamente dentro de determinado grupo social (BELLOMO, 2000, pag.272).

Assim, o presente trabalho busca investigar, analisar e compreender as esculturas no Cemitério de Santo Antônio desde sua inauguração em 1912 até o ano de 1960, período que abrange uma grande produção escultórica no local. Através de entrevistas, relatórios fotográficos e pesquisas faz-se o resgate dessa produção artística, de forma a garantir a preservação da História, não permitindo que esses monumentos fiquem meramente esquecidos no tempo, mas sim contribuindo para o resgate da arte fúnebre e preservação da memória das obras do maior cemitério de esculturas fúnebres de Vitória.

O CEMITÉRIO DE SANTO ANTÔNIO

O espaço de pesquisa etnográfica deste trabalho é o Cemitério Municipal de Santo Antônio, localizado no bairro Santo Antônio, na cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo. É um cemitério municipal destinado ao enterro de pessoas falecidas em Vitória e de moradores do município, mesmo que faleçam fora da cidade.

Apesar de ser um cemitério público, não existe isenção de pagamento para pessoas carentes. A distinção socioeconômica pode ser percebida pelos valores da tabela de serviços da prefeitura (CEMITÉRIOS, acesso em 12 abr. 2018), pois o cemitério é dividido em seis planos, cada um com valor diferente, dependendo da localização das sepulturas.

O cemitério foi construído com cortes no morro, então cada plano é como se fosse um andar. Os mais bem localizados (primeiros planos) são mais caros que os outros. Percebeu-se na pesquisa que os túmulos do primeiro pavimento são compostos, em sua maioria, por



peessoas com um alto poder aquisitivo, pois se observa, ao percorrer esse pavimento, o nome de famílias proeminentes da sociedade capixaba.

Ao proprietário do perpétuo é dada a opção de erguer esculturas de pequeno, médio ou grande porte, conforme o tipo de monumento que será escolhido e o tipo de túmulo. Normalmente os temas escolhidos para a ornamentação do túmulo são de cunho religioso, com a figura do próprio ente querido ou algo que o representou durante a vida.

ROUBOS E VANDALISMO

Apesar de sua notoriedade e importância, atualmente o cemitério é alvo de furtos e depredações. Moradores de Vitória que enterram seus mortos no Cemitério Santo Antônio reclamam desse quadro. Placas de bronze, estátuas e até letras colocadas nos jazigos são alguns dos objetos alvos de ladrões.

“Se chegarem aqui no dia 2 de novembro (Dia de Finados) e não encontrarem o que é seu, não fiquem surpresos”, avisa a aposentada Eliane Castro, de 65 anos. Sua família mantém jazigos há décadas no cemitério. Mas, de 2015 para cá, ela relata problemas com os roubos e depredações. A família da dona de casa Carli Mufalani, de 60 anos, também tem tido problemas no cemitério. “Roubaram a porta de bronze do túmulo. Quase quebraram o granito, de tanta força que fizeram. Já roubaram as letras (fixadas no jazigo) e colocamos outras”, relata Carli. Ela foi avisada sobre a depredação na última semana, após um conhecido que passou pelo local ter visto o vandalismo e identificar que o túmulo atacado era de uma família amiga (TV GAZETA, acesso em 11 out. 2018).

Segundo a Prefeitura Municipal de Vitória (CEMITÉRIOS, acesso em 12 abr. 2018) trabalham no cemitério 17 funcionários, considerando os da Prefeitura e terceirizados. Quando chega denúncia de furto ou vandalismo, os técnicos fazem registro na Polícia Civil por meio de boletim de ocorrência e as famílias são “imediatamente informadas”, pois a maior parte desse acervo encontra-se sob responsabilidade da esfera pública, que apenas se encarrega do espaço de enterramento, delegando aos parentes a manutenção do túmulo.

A perpetuidade do jazigo da família é uma quimera: depende da vigilância ininterrupta e do custeio dispendioso dos descendentes usuários... Depende da boa sorte em relação aos vândalos do cemitério, os ladrões de bronze, de mármore, para não falar nos ladrões de dentes de ouro, dependem, até mesmo, do gosto dos herdeiros, pois nem sempre acham



bonito o jazigo do vovô e resolvem modernizá-los nos materiais da moda (VALLADARES, 1972).

Embora a violação de túmulo seja considerada crime no Brasil desde muitos anos², os ataques aos cemitérios continuam. Essa é uma triste realidade, sendo que, para além do prejuízo material, há também ataque ao simbólico, gerando preocupação em manter todos esses anos de história que estão presentes nas esculturas fúnebres.

CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO

Por conta de ser um cemitério público, cabe aos familiares a obrigação de realizar a conservação e a manutenção das sepulturas, pois diferentemente de um cemitério particular, a PMV não cobra taxa anual de manutenção de túmulos. Quando as sepulturas se encontram deterioradas, as famílias são notificadas para que realizem os reparos necessários. A execução dos reparos é feita somente depois da publicação de um edital (CEMITÉRIOS, acesso em 12 abr. 2018).

Quando alguma parede está quebrada, com matos ou árvores que danifiquem as sepulturas, elas são consideradas abandonadas. As obras em um jazigo podem ser realizadas de acordo com o proprietário do perpétuo, através de edital e após exumação dos ossos.

A preservação também é impactada diretamente pela questão da resistência dos materiais empregados na confecção tanto do túmulo quanto de seus ornamentos. As ações do tempo e a falta de manutenção em certos materiais são extremamente visíveis. O bronze, quando exposto ao ar e umidade, pode oxidar e desenvolver uma camada esverdeada (Figura 1); já o mármore exposto à poeira poderá apresentar manchas escuras em torno da imagem (Figura 2).

² DP – Decreto lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940. Art. 210 – Violar ou profanar sepultura ou urna funerária: pena de um a três anos e multa, por destruição, subtração ou ocultação de cadáver (NUCCI, 2003, p. 122).



Figura 1 – São José e menino Jesus no colo.
Fonte: Elaboração própria (2018).



Figura 2 – Garotinha segurando a cruz
Fonte: Elaboração própria (2018).



Outro material muito empregado nas esculturas do cemitério é o esteatito (também conhecido como pedra de talco ou pedra-sabão) que, apesar de ter um bom grau de resistência, necessita de alguns cuidados, como argumentam Silva e Roeser (2003, p.333-334), ao abordar a deterioração do monumento feito com esse material, afirmando que, com o passar dos anos sem o devido cuidado, a sujeira se acumula “[...] nas junções entre os membros da escultura [...] nádegas, interior das orelhas e da boca, próximo aos cabelos e parte inferior das pernas. Mais raramente, na junção da argamassa com o corpo ocorrem colônias de micro-organismos”.

Outro problema no cemitério é que existem diversos túmulos sem nenhum tipo de identificação, tanto da escultura como da pessoa ali enterrada. A maioria das obras encontradas no Cemitério de Santo Antônio não possui identificação, enquanto outras trazem impressas apenas a identificação da marmoraria, não sendo possível saber se a placa se refere à escultura ou apenas sobre o mármore disposto nas sepulturas.

Um exemplo disso pode ser verificado nas Figuras 3 e 4, no mausoléu da família José Neffa, em que a assinatura da empresa em alto relevo está assinada por irmãos Natali (famosa marmoraria de Belo Horizonte dos irmãos Ernesto, Trento, Carlo e Augusto, extinta em 1982).



Figura 3 – Ressurreição de Jesus
Fonte: Elaboração própria (2018).



Figura 4 – Placa irmãos Natali
Fonte: Elaboração própria (2018).

Por conta do custo para manutenção, muitas vezes ocorre o abandono de túmulo. Frequentemente os familiares pagam, à parte, os prestadores de serviço de limpeza no cemitério para tal tarefa, que acabam muitas vezes não utilizando o produto adequado para determinado material. Conforme esclarece Carvalho (2016), para fazer a manutenção correta do monumento, o ideal seria ter um profissional da conservação e restauração, o que também agrega custo.

Existem também túmulos que estão extremamente bem preservados, não só pela qualidade do material, mas devido à manutenção realizada por algumas famílias que contratam serviços de limpeza, a fim de que o jazigo seja mantido em perfeitas condições. Um exemplo do bom estado de conservação desses túmulos pode ser visto na Figura 5.



Figura 5 – Criança
Fonte: Elaboração própria (2018).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, está sendo possível realizar o preenchimento de sessenta fichas com metodologia empregada pelo IPHAN, com registro de imagens da produção escultórica do Cemitério de Santo Antônio desde a sua inauguração em 1912 até 1960. Realiza-se a identificação do bem, a classificação por tipo de material, estado de preservação e conservação, abordando uma análise sobre o tema de cada escultura no final da ficha, de forma a permitir consultas futuras aos dados obtidos, através de cópia desse trabalho que será entregue à biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo.

Nas inúmeras idas ao cemitério, também foi analisada a questão da conservação e preservação dessas obras, quando foi possível constatar a perda desse patrimônio, seja por conta de roubos e vandalismo, seja pela questão das intempéries, da falta de treinamento dos funcionários no que concerne aos estudos em restauração e conservação, do uso de produtos inadequados e até mesmo da ausência de política de conscientização das famílias sobre a conservação desses bens.

No que se refere aos roubos e vandalismo, é importante estabelecer políticas públicas para inibição dessas práticas. Existe ainda a necessidade de conscientização dos proprietários particulares sobre a manutenção constante dos túmulos, não somente pela prática de punição com a perda do jazigo para aquelas sepulturas muito danificadas, mas também pela questão da consciência como cidadão da perda da arte e da memória cultural em nossa sociedade.

Assim, a presente pesquisa busca inventariar, investigar, analisar e compreender as esculturas no Cemitério de Santo Antônio desde sua inauguração em 1912 até o ano de 1960, período que abrange uma grande produção escultórica no local.

Referências

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Memória e História: o cemitério como espaço para educação patrimonial. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 28., 2015, Florianópolis Santa Catarina. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, Florianópolis / SC, 2015, p. 2.

BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.



CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. Arte funerária vem sendo abandonada e perde espaço para crematórios. In: **UFRGS Ciência**, 2016. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/secom/ciencia/arte-funeraria-vem-sendo-abandonada-e-perde-espaco-para-crematorios/>>. Acesso em: 08 maio 2017.

CEMITÉRIOS. In: **VITÓRIA (ES)**. Prefeitura de Vitória. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/cemiterios>. Acesso em: 12 abr. 2018.

CHARÃO, Egiselda Brum. O sagrado e o profano nos cemitérios de Bagé. In: **Revista Estudos históricos** – CDHRP, Rivera, n. 2, p. 1-14, 8 e 11, 2009.

CHAGAS, Katilane. Roubos e vandalismo em cemitério de Vitória revoltam famílias. In: **GI**, 20 out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/10/roubos-e-vandalismo-em-cemiterio-de-vitoria-revoltam-familias.html>>. Acesso em: 11 de out. 2018.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Código penal comentado**. 15. rev. atual. e ampl. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

SILVA, Maria Elizabeth da; ROESER, Hubert Mathias Peter. Mapeamento de deteriorações em monumentos históricos de pedra-sabão em Ouro Preto. In: **Revista Brasileira de Geociências**, Ouro Preto, v. 33, p. 333-334, dez. 2003.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1972.